

EDUCAÇÃO MATEMÁTICA & DEMOCRACIA: MÍDIA E RACISMO

Reginaldo Ramos de Britto.
reginaldorrbritto@gmail.com
Mestre em Educação Matemática pela UFJF/Brasil
Escola Municipal Gabriel G. Silva

Tema: Educação Matemática e Diversidade

Modalidade: Comunicação Breve (CB)

Nível educativo: No específico

Palavras chave: Educação Matemática Crítica, Mídia, Racismo, ideologia do branqueamento.

Resumo

Esta comunicação é relato de experiência pedagógica, resultado de trabalho com projetos nas salas de aula de Matemática, desenvolvidos durante os anos de 2009 e 2010 numa escola da Rede Pública Municipal de Ensino em Juiz de Fora, no Estado de Minas Gerais - Brasil. Refere-se a uma atividade de investigação realizada em conjunto com alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental. O objetivo foi traçar um quadro da participação de crianças negras e brancas em veículos de comunicação impressos, demonstrando como a Matemática se constitui ferramenta importante para “leitura” de vários processos sociais. A perspectiva metodológica utilizada foi a de trabalho com projetos. Além disso, tal atividade se inscreve como que afeitas às perspectivas de uma Educação Matemática Crítica, que se constitui como referência teórica para este trabalho. As primeiras conclusões dão conta de que a mídia impressa não só não oferece as mesmas oportunidades de participação em matérias publicitárias ou jornalísticas às crianças negras e brancas, como também, quando o faz, retrata em geral, crianças negras em situações classificadas pelos alunos como “negativas”. Situações de vulnerabilidade ou de “menor prestígio” social. Mais do que uma denúncia, o trabalho foi um convite à uma reflexão.

Introdução

Este relato de experiência pretende descrever atividades desenvolvidas em sala de aula de Matemática de Escola Municipal em que trabalho em Juiz de Fora MG, onde atuo há 20 anos, como professor de Matemática dos anos finais do Ensino Fundamental. Refere-se a projeto pedagógico intitulado *Educação Matemática & Democracia: Mídia e Racismo*. É desenvolvido há aproximadamente dez anos, mas sem regularidade e sem um olhar que poderíamos chamar de científico-acadêmico. O presente trabalho é, portanto, relato de experiência pedagógica.

Como sugere o título, trata da interface *Relações Raciais – Educação*, perspectivados não apenas com o auxílio da Matemática, mas também, de modo interdisciplinar, pela História.

Em verdade acreditamos que há muito ainda a ser explorado a partir deste Projeto, tarefa que pretendemos iniciar com este artigo.

Nossa preocupação neste trabalho não esteve (e não está) em perceber e refletir sobre o modo como nossos alunos lidam com conceitos matemáticos, embora para um trabalho na área de Educação Matemática esta seja uma perspectiva natural (ou importante). Entretanto, queremos dizer do que nos afeta e isto não está no modo como ocorre a “produção” e/ou “desenvolvimento” de habilidades e competências matemáticas, mas, principalmente na contribuição dessa disciplina na leitura da sociedade em que vivemos. No caso em tela: a Mídia e sua “contribuição” para a construção de um lugar social de inferioridade para crianças negras.

Assim ao pensarmos em referências teórico-metodológicas acreditamos que além das lentes da Etnomatemática, as perspectivas construídas por Ole Skovsmose sobre uma Educação Matemática Crítica, seja também potencial. Optamos neste trabalho por perspectiva-lo através desta segunda orientação teórica.

O tema da discriminação racial e do racismo, além da cultura africana e afro-brasileira tem apresentado maior aceitabilidade pela sociedade brasileira nos últimos anos. Parece haver certo consenso de que é preciso reconsiderar a história do país, levando em conta a contribuição dos povos africanos e dessa forma promover uma espécie de ressarcimento cultural a seus descendentes e porque não dizer, para toda a sociedade brasileira. É ela quem de fato ganha, dado que vê restituída parte não contada de sua história. Este aspecto é o que envolve a construção de identidade do brasileiro que historicamente se constituiu pela “voz” do colonizador branco europeu.

Mais de um século depois do fim da escravidão a história contada nos bancos escolares ainda subtrai a participação da população, até aquela data, escravizada. Na Historiografia oficial, parece-nos, fecham-se as cortinas aos povos africanos e seus descendentes com a assinatura da Lei Áurea em 1888. É a partir desta data que se inicia um processo conhecido como *ideologia do branqueamento* que tem posição central na construção do lugar de inferioridade social a que nos referimos no início deste artigo.

Um interessante trabalho sobre este tema o leitor encontrará em Domingues (2004). Ainda que seja processo que se inicia antes mesmo do fim formal da escravidão e se

estende, para alguns autores, até aproximadamente 1940, há vários relatos denunciadores de que os efeitos deste processo ainda estão presentes. Certa vez, na mesma Escola em que o projeto, explorado neste trabalho, é desenvolvido, numa discussão num conselho de classe, o comentário de um Professor, se referindo as atitudes de uma aluna (negra) sintetizam um “bom” exemplo do que estamos nos referindo. Dizia, na tentativa de identificá-la aos demais colegas: “... uma menina que é escurinha, mas que é bonita...”. No imaginário deste professor (e de toda a sociedade) as características “ser negra” e “ser bonita” são incongruentes. Naquele momento manifestava o professor, os efeitos do que se chamou **ideologia do branqueamento**. É bastante comum, infelizmente ouvir professores dizerem coisas do tipo: “*ela não se assumia como negra*”, na referência a uma suposta manifestação “racista” promovida por um (a) aluno (a) negro (a).

A construção discursiva de um lugar de inferioridade social.

Há alguns problemas em episódios como o que acabamos de retratar. Primeiro, toda e qualquer manifestação racista revelam uma chaga sociocultural que precisa ser combatida, seja ela manifestada por brancos ou por negros; segundo o discurso reproduzido pelo professor(a) além de equivocado tem o efeito de reforçar o imaginário de onde decorre e que, ao mesmo tempo, ajuda a construir. O equívoco está em não perceber que a criança não nasce racista em sim aprende a sê-lo no exercício de práticas sociais, na rua, assistindo TV ou na própria Escola.

As origens do que preferimos chamar de “introjeção do racismo” (que está materializado no episódio retratado e comentários – discursos - do professor) e não de racismo propriamente dito, estão no que se convencionou chamar de ideologia do branqueamento. E a dificuldade de superá-la, no *Mito da democracia racial brasileira*. Assim temos preferência por ler estes processos não como que retratando uma criança que não se assume como negra e sim, como ela própria manifestando - assim como qualquer outro sujeito - os valores que a sociedade lhe informa serem os padrões, ainda que este fato carregue o “problema” de representar na mesma pessoa a figura da vítima e do algoz. Aliás a quem diga que quando o indivíduo começa a crer na sua inferioridade é porque o processo ideológico de dominação está atingindo seus

objetivos. E agir sobre a alteração das identidades é justamente o *modus operandi* das orientações ideológicas dominantes.

A construção de um país sobre o discurso da igualdade e democracia racial (o mito) faz da sociedade brasileira um coletivo social que apresenta resistência em aceitar a existência do racismo. É o que se pode perceber, por exemplo, no embate de visões distintas sobre a presença ou não do racismo em obras literárias como as de Monteiro Lobato¹.

De fato o racismo é questão que pode ser percebida e discutida sob várias perspectivas, mas como já assinalamos, preocupa-nos a contribuição negativa que o discurso (sobretudo o midiático) traz para sua constituição. O que nos aproxima da visão de Dijk(2008) de que:

O discurso também desempenha um papel fundamental para dimensão cognitiva do racismo. As ideologias e os **preconceitos** étnicos não são inatos e não se desenvolvem espontaneamente na interação étnica. Eles **são adquiridos e aprendidos**, e isso normalmente ocorre **através da comunicação**, ou seja, através **da escrita e da fala**. E vice-versa: essas representações mentais do racismo são tipicamente expressas, formuladas, compartilhadas dentro do grupo dominante. Esse é essencialmente o modo como o racismo é “aprendido” na sociedade.” (DIJK, 2008, p.135). (Meu grifo)

Referências teóricas

Numa perspectiva crítica da Educação Matemática a modelagem matemática ou o trabalho com projetos, representa importante estratégia de abordagem de temas relevantes para o desenvolvimento de atitudes e comportamentos democráticos. Nela, segundo Ole Skovsmose, o relevante é que os problemas estejam em sintonia “**com situações e conflitos sociais fundamentais, e importante que os estudantes possam reconhecer os problemas como “seus próprios problemas”** (Skovsmose,2001).

Ainda que no presente estudo o “problema” em questão não esteja em conformidade com o tipo que se convencionou chamar de problema matemático, traz implicações e aborda aspectos da realidade social brasileira que podem ser explorados matematicamente. Assim, importa-nos aqui tratar da temática da **exclusão racial** valendo-nos de conceitos e interpretações próprias da Matemática. Nosso trabalho de pesquisa consiste talvez, no que poderíamos chamar de “**modelagem matemática social**”.

Um problema relevante para democracia brasileira é, sem dúvidas, a questão da exclusão de minorias. O ensino de Matemática assim como de qualquer outra área do conhecimento tem, no desenvolvimento humano, sua razão de ser. Seu objetivo consiste no que Ubiratan D'Ambrósio chama de resposta às “pulsões de sobrevivência e transcendência”. Assim o desafio colocado também a Educadores Matemáticos é o de tornar a matemática interessante e atrativa aos alunos, mas fundamentalmente significativa. Ainda segundo este autor “a matemática e a educação matemática não podem ser insensíveis aos problemas maiores afetando do mundo moderno, principalmente a exclusão de indivíduos, comunidades e até nações, dos benefícios da modernidade. A matemática é o maior fator de exclusão nos sistemas escolares.” (D'AMBROSIO, 2001, p. 16).

A mídia, temos insistido nesta questão, representa importante elemento capaz de traduzir parte do imaginário social brasileiro. Basta gastar alguns minutos diante da TV para percebemos o lugar que cabe a negros e negras neste imaginário. Isto se relaciona com o que Bourdieu chama da ocultar mostrando.

Para descrever a “contribuição da mídia” recorro a um pequeno trecho de um pequeno livro de Bourdieu(1997): *Sobre a Televisão*. O trecho é o que segue:

Insisti no mais visível. Desejaria dirigir-me para coisa ligeiramente menos visíveis mostrando como a televisão pode, paradoxalmente, ocultar mostrando, mostrando uma coisa diferente do que seria preciso mostrar caso se fizesse o que supostamente se faz, isto é, informar; ou ainda **mostrando o que é preciso mostrar, mas de tal maneira que não é mostrado ou se torna insignificante, ou construindo-o de tal maneira que adquire um sentido que não corresponde absolutamente à realidade.** (BOURDIEU, 1997, p.24). (Grifo nosso).

Os estereótipos mostrados na TV dão conta (sobretudo nas novelas globais) do lugar de inferioridade a que nos referimos. Negros e Negras não se preocupam apenas com Samba, Futebol, Carnaval e Capoeira, como faz pesar quem assiste a estas produções televisivas. Nem tão pouco têm **inclinação artística natural** para o desempenho apenas de papéis em que figuram como mordomos, choferes ou empregadas domésticas, ainda que tais profissões sejam honrosas.

A Escola por sua vez contribui também para este quadro, omitindo de fato a participação dos povos negros africanos para construção de nosso país, além de furtar-lhes o direito de escreverem com “voz” própria sua participação na história do Brasil. Ainda vivemos num ambiente escolar que atribui “menor” importância a esta temática.

Desenvolvimento do trabalho

A atividade desenvolvida em sala de aula teve como foco a **exclusão racial** percebida a partir da “leitura” de veículos de comunicação impressos. A pergunta norteadora, ainda que lá em seu desenvolvimento não existisse assim formulada (ao menos formalmente), foi: *Como são retratadas crianças brancas e negras na mídia impressa?* Essa foi a questão motora da pesquisa realizada em 2009 e 2010 como atividade dentro da Semana da Consciência Negra, realizada em sala de aula de Matemática. A ideia utilizada foi coletar de fotos nos referidos veículos de informação impressos e proceder a análises quantitativas e qualitativas da “participação” de crianças negras e brancas em tais veículos publicitário-informativos.

O trabalho que dá origem a este artigo, como dissemos, pode ser descrito como projeto pedagógico desenvolvido na disciplina de Matemática em uma escola pública municipal em Juiz de Fora MG. O Projeto “Educação Matemática & Democracia:” é sempre seguido de um tema de interesse coletivo (político, religioso, econômico, eleitoral, etc.). Em todos os anos em que foi desenvolvido, estabeleci por decisão pessoal alguns temas que julgava relevantes sempre deixando espaço para que a turma envolvida, fizesse suas próprias escolhas. As atividades ocorriam entre 4 e 6 vezes durante o ano letivo, totalizando assim, respectivamente 4 a 6 temas diversos.

No Projeto (Tema) em questão os alunos foram divididos em grupos e a eles foi dada a tarefa de “coletar”, em jornais e revistas, durante o prazo de uma semana, fotos de crianças.

Num primeiro momento a regra para a coleta foi a de que não deveria haver “escolhas”, ainda que tal tarefa fosse difícil de ser realizada sem a presença e interferência de determinantes sociais, ideológicos e culturais. Até este momento os alunos ainda não tinham informação sobre os objetivos do trabalho de pesquisa. Saber tratar-se de uma atividade que se relacionava ao racismo poderia influenciar nas escolhas das fotos.

Depois do prazo e das condições estabelecidas, os alunos formaram seus grupos em sala de aula e começaram uma segunda etapa. Neste segundo momento depois da coleta, foi pedido a cada grupo que identificasse a “situação que envolvia cada foto”, traduzindo-a como “positiva” ou “negativa”. A descrição deveria ser feita pela “Leitura” do que chamamos de **entorno da foto**. A fidelidade ao que envolvia a criança retratada na foto era fundamental para o restante das tarefas.

Para esta edição (2006) não há compilação geral de dados de todos os grupos mas, reproduzimos a seguir informações extraídas do trabalho de um dos Grupos. Do total de 41 fotos coletadas, 36 representavam crianças brancas e 5(cinco) retratavam crianças identificadas como negras. Além disso, das 36 consideradas brancas, 35 (97,2%) figuravam em situações “positivas” e apenas 1 (2,8%) em situação negativa. De modo denunciador, do imaginário social de inferioridade em que são representadas as crianças negras, do total de 5 fotos coletas e identificadas com este grupo étnico, 3 (60%) estavam em situações consideradas positivas e 2 (40%) em situações negativas.

Para além do trabalho quantitativo realizado, esta amostra é bastante indicativa do imaginário de inferioridade a que nos referimos. O total de fotos que retratam crianças identificadas como brancas (36) é bastante superior a aqueles em que se identificam crianças negras (5). A descrição do entorno da foto (situação) também revela que o primeiro segmento étnico-racial está, proporcionalmente, mais envolvido e situações positivas.

Outros extratos de textos, estes da versão 2010, indicam as conclusões de alguns grupos. Em seu relatório, um dos grupos, identificou o preconceito e discriminação “não só na mídia” afirmando que “se num supermercado um negro entra, o segurança já vai atrás”.

Este grupo não se deteve da análise do racismo apenas no que foi pesquisado, contribuindo, ao que sugere o relato, com experiência pessoal bastante significativa. Na discussão em grupo quando da tarefa de identificar as fotos (as crianças nas fotos) como brancas ou negras houve certa hesitação pois alguns não consideraram, algumas fotos, como identificadas apenas com essas duas “categorias” ou tipos raciais.

Considerações finais

O trabalho com projetos pedagógicos talvez seja uma importante ferramenta. Eles são motivadores, podem abordar questões relevantes e interesse social e contribuem para uma aprendizagem significativa. A Educação Matemática Crítica por sua vez pode contribuir para evidenciar a matemática como parte de processos tecnológicos e como ferramenta para leitura crítica de práticas e processos sociais, como o que está em exame neste trabalho.

Os resultados são contundentes. Na versão de 2009 deste projeto os dados levantados pelos alunos indicavam que 81% das fotos coletadas representavam crianças brancas, 15% crianças negras e 4% outras etnias o que denota que a mídia impressa não oferece o mesmo espaço publicitário para crianças negras e brancas. Além disso, em apenas 9% das fotos de crianças brancas foram identificadas situações (sociais) negativas enquanto 34% das crianças negras estavam na mesma situação.

No projeto, objeto deste relato, as primeiras conclusões dão conta de que a mídia impressa não só não oferece as mesmas oportunidades de participação em matérias publicitárias ou jornalísticas, à crianças negras e brancas, como também, quando o faz, retrata as crianças negras em situações classificadas pelos alunos como “negativas” (de menor prestígio social). Mais do que uma denúncia, o trabalho é um convite à uma reflexão.

Referencias bibliográficas

- Bourdieu, P. (1997).- *Sobre a Televisão*; tradução, Maria Lúcia Machado- Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed.
- Brasil. (1998). Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais* /Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF.436p.
- D’ Ambrosio, U. (2001). *Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Dijk, T. A. van. (2008) *Discurso e Poder*: Judith Hoffnagel, Karina Falcone, organização.-São Paulo: Contexto.
- Domingues, P. J. (2004). *Uma História Não Contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo: Editora Senac São Paulo.
- Skovsmose, O. (2001). *Educação Matemática Crítica: a questão da democracia*. Campinas/SP: Papirus.

ⁱ Escritor brasileiro com relevantes obras de literatura infantil. Há importante polêmica sobre o conteúdo racista em algumas obras de Monteiro Lobato. Para o escopo deste trabalho nos aproximamos das considerações de Domingues (2004) de que Lobato representou o uso da literatura como parte do processo de branqueamento. Ver essa discussão em Domingues (2004), p.41.